

VARIAÇÃO DE COMPOSTOS MORFOLÓGICOS DE JOVENS HOMENS E MULHERES EM COMPOSTOS DA LIBRAS NA CIDADE DE MACAPÁ, AP

Fernando Fernandes da Silva¹
Universidade do Estado do Amapá

Resumo: O presente estudo investiga as variações linguísticas da Libras na comunidade surda de Macapá, Amapá, com foco nas diferenças morfológicas entre jovens homens e mulheres. Utilizando a Sociolinguística Variacionista como base teórica, a pesquisa analisa como fatores sociais e de gênero influenciam a escolha lexical na Libras. Embora estudos anteriores em outras línguas de sinais tenham revelado a influência de variáveis sociais na variação lexical, há uma escassez de pesquisas semelhantes na Libras, especialmente no que diz respeito às diferenças de gênero. Os dados foram coletados de um banco de dados criado por Silva (2023), contendo filmagens de 12 colaboradores surdos, abordando sinais como "vatapá", "cebola", "jet ski", "moto-táxi", "delegacia" e "farmácia". A análise revelou padrões de redução vocabular e inovação na formação de novos sinais, indicando uma economia linguística significativa. Os jovens surdos demonstraram uma predisposição para a inovação linguística, enquanto os falantes mais velhos mostraram resistência a mudanças. A pesquisa sugere que a educação deve valorizar a diversidade linguística, promovendo um ambiente inclusivo que reconheça e estimule a criatividade dos usuários da Libras. Os resultados destacam a importância da documentação e preservação da Libras, além de fornecer um recurso para futuras pesquisas e políticas educacionais voltadas para a inclusão da comunidade surda.

PALAVRAS-CHAVE: Libras, Gênero, Sociolinguística Variacionista, Redução vocabular.

¹ Doutor em Linguística, pela Universidade de Évora (UÉvora) (Rec. Universidade Federal de Goiás), Professor Adjunto II na Universidade do Estado do Amapá (UEAP) em Macapá -AP, Brasil. Avenida Presidente Vargas, 650. Macapá, Amapá, Brasil, CEP: 68900-970. ORCID:<https://orcid.org/0000-0003-4270-1692>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5079522757656750>. E-mail: nandofernandesffs@gmail.com

VARIATION OF MORPHOLOGICAL COMPOUNDS OF YOUNG MEN AND WOMEN IN LIBRAS COMPOUNDS IN THE CITY OF MACAPÁ, AP

Abstract: The present study investigates linguistic variations in Brazilian Sign Language (Libras) within the Deaf community of Macapá, Amapá, focusing on morphological differences between young men and women. Using Variationist Sociolinguistics as its theoretical framework, the research examines how social factors, particularly gender, influence lexical choices in Libras. Although previous studies in other sign languages have revealed the impact of social variables on lexical variation, there is a lack of similar research on Libras, especially concerning gender differences. The data were collected from a database created by Silva (2023), featuring recordings of 12 Deaf participants and covering signs such as "vatapá," "onion," "jet ski," "motorcycle taxi," "police station," and "pharmacy." The analysis revealed patterns of lexical reduction and innovation in the creation of new signs, indicating significant linguistic economy. Young Deaf individuals demonstrated a tendency towards linguistic innovation, while older signers exhibited resistance to change. The study suggests that education should value linguistic diversity, fostering an inclusive environment that acknowledges and encourages the creativity of Libras users. The findings underscore the importance of documenting and preserving Libras, providing a valuable resource for future research and educational policies aimed at supporting the Deaf community. The study concludes that Libras is a dynamic and constantly evolving language, emphasizing the importance of educational initiatives respecting and valuing this innovation.

KEYWORDS: Libras, Gender, Variationist Sociolinguistics, lexical reduction.

Introdução

O presente estudo é motivado pela necessidade de entender as variações linguísticas na Libras (Língua Brasileira de Sinais), especialmente as variações de compostos morfológicos entre jovens homens e mulheres na cidade de Macapá, Amapá. A Sociolinguística Variacionista, fundamentada nos trabalhos de William Labov, fornece uma base teórica para investigar como fatores sociais influenciam a variação linguística. Em línguas de sinais, a variação é um fenômeno ainda pouco explorado, e as pesquisas focadas em diferenças de gênero são escassas, dentro do Brasil temos Nicoloso (2015), em estudos iniciais com nuances de modificação na tradução de em Libras de homens e mulheres.

Estudos prévios sobre línguas de sinais, como a Língua de Sinais Americana (ASL), Australiana (Auslan), Neozelandesa (NZSL) e Italiana (LIS),

indicam que fatores como idade, gênero, classe social e etnia condicionam a escolha lexical (Lucas, Bayley e Valli, 2001; Schembri e Johnston, 2007; McKee, McKee e Major, 2011; Geraci et al., 2011). Tais achados ressaltam a importância de investigações semelhantes na Libras, a fim de identificar e compreender as variações regionais e sociais presentes na comunidade surda de Macapá.

Além disso, essas pesquisas permitem refletir sobre as diferenças de sinalização entre homens e mulheres e podem revelar padrões de inovação e supressão de sinais, contribuindo para a documentação e descrição da Libras. Portanto, este estudo visa preencher uma lacuna significativa na literatura sociolinguística brasileira e fornecer dados que possam expandir nosso entendimento sobre a Libras.

Diante disso, o presente trabalho apresenta os sinais que geram inovações e supressões em sua execução, priorizando a variação diassexual entre estes colaboradores. Os sinais analisados são: vatapá, cebola, jet ski, moto-táxi, delegacia e farmácia. O trabalho divide-se em cinco seções. A primeira seção apresenta as informações e aspectos introdutórios; a segunda seção discorre sobre a variação sociolinguística na Libras; a terceira seção trata dos aspectos teórico-metodológicos da pesquisa; a quarta seção apresenta as discussões sobre a análise produzida; e, por fim, a quinta seção contém as considerações finais do estudo.

A sociolinguística variacionista da Libras

A Sociolinguística Variacionista, introduzida por William Labov, oferece uma base teórica inicial para entender as variações linguísticas em línguas orais e espelhar esse entendimento para a Libras, considerando fatores extralinguísticos. Em sua pesquisa de 1962 na ilha de Martha's Vineyard (Massachusetts, Estados Unidos), Labov estudou os ditongos /ay/ e /aw/ na língua inglesa, observando que poderiam ser pronunciados de diferentes formas entre os falantes dessa comunidade. Ele realizou um levantamento minucioso sobre as características dos habitantes, a distribuição geográfica da localidade, a imigração que recebia, entre outros aspectos.

A ilha era formada majoritariamente por pescadores, mas recebia uma alta quantidade de turistas. Os fatores encontrados, que condicionavam os diferentes usos da ditongação, não estavam no nível interno à língua, mas sim nos fatores externos, como a identidade e a atitude dos moradores (Labov, 2008). Os resultados mostraram que os turistas traziam novos falares, enquanto os pescadores tentavam conservar a variação linguística local.

Diante disso, Labov concluiu que a língua é viva e dinâmica porque essa característica lhe é atribuída pelos seus falantes, que são influenciados por sua cultura e interações sociais. Assim, é impossível desvincular a língua dos fatores sociais, visto que são conceitos entrelaçados.

No que tange à variação linguística, os falantes da mesma língua não seguem um padrão homogêneo, podendo haver mudanças por regiões, Estados e até mesmo municípios. De acordo com Soares (2020), a língua apresenta uma heterogeneidade em seus diferentes níveis: "a diferenciação geográfica e social entre segmentos de uma mesma comunidade linguística corresponde um processo de diferenciações linguísticas, denominadas variedades linguísticas, diferenciações que podem dar-se nos níveis fonológico, léxico e gramatical" (Soares, 2020, p. 62).

Vários estudos investigaram a variação lexical em diferentes línguas de sinais. Pesquisas sobre a Língua de Sinais Americana (ASL) (Lucas, Bayley e Valli, 2001), a Língua de Sinais Australiana (Auslan) (Schembri e Johnston, 2007), a Língua de Sinais Neozelandesa (NZSL) (McKee, McKee e Major, 2011) e a Língua de Sinais Italiana (LIS) (Geraci et al., 2011) revelaram que a escolha lexical é condicionada por diversos fatores sociais.

Lucas et al. (2001) examinaram 34 itens lexicais com variação regional entre 207 usuários de ASL em sete localidades nos Estados Unidos, descobrindo que as variantes lexicais de 27 dos 34 conceitos eram compartilhadas entre todas as regiões analisadas. A idade foi um fator significativo, com algumas variantes lexicais específicas para cada faixa etária. Além disso, identificaram-se diferenças lexicais entre signatários do sexo masculino e feminino, da classe trabalhadora e da classe média, afro-americanos e brancos, e entre aqueles com pais ouvintes e surdos. No entanto, Lucas e seus colegas não apresentaram uma análise

estatística multivariada das descobertas, deixando a importância relativa de cada fator social na variação lexical da ASL indefinida.

A variação regional no léxico da Língua de Sinais Britânica (BSL) foi documentada em dicionários (Brien, 1992), recursos de ensino (Napier e Fitzgerald, 2008) e outras publicações (Edinburgh and East of Scotland Society for the Deaf, 1985). Recentemente, houve um interesse crescente em documentar as variedades regionais locais da BSL, devido à percepção de que as diferenças lexicais regionais tradicionais estão se perdendo (Elton e Squelch, 2008; Merseyside Society for Deaf People, 2009; Watson, 2009) e mais recente Silva, (2023), trouxe uma primeira descrição dos sinais compostos da região norte especificamente com a comunidade surda de Macapá/AP e disponibilizando banco de dados para outras análises.

O campo da sociolinguística da Libras ainda apresenta um caminhar lento em pesquisas que envolvem perfis de grupo, especialmente no que diz respeito ao gênero. Refletir sobre esse processo levanta diversas questões já exploradas anteriormente em línguas orais, como as diferenças entre homens e mulheres na maneira de sinalizar, aspectos morfológicos, e os fatores externos que podem explicar determinados fenômenos. Autores como Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2017) e Tarallo (2005) conduziram estudos com línguas orais e a língua portuguesa nas escolas, aplicando análises multifacetadas de grupos. Esses estudos servirão como referência inicial para a análise dos dados.

Redução vocabular e economia linguística

A redução vocabular é um processo linguístico no qual uma palavra é encurtada, mantendo seu significado original. Esse fenômeno é amplamente discutido nas gramáticas e manuais de morfologia, em que frequentemente é referido como truncamento, abreviação ou siglagem, apesar de não haver uma distinção clara entre esses termos.

Segundo Vilela et al. (2006), a redução vocabular é um processo morfológico que ocorre especificamente em compostos. As autoras destacam que a redução envolve a remoção de partes de um composto, preservando geralmente a base esquerda da palavra original. Exemplos incluem “odontologia” (odonto +

logia) reduzido para “odonto” “fotografia” (foto+grafia) reduzido para “foto” e “lipoaspiração” (lipo+aspiração) reduzido para “lipo”.

Em contraste, o truncamento é visto como um processo morfofonológico que, além de suprimir uma parte da palavra, pode adicionar uma vogal temática, como em “faculdade” truncado para “facu” e “neurose” para “neura”. Vilela et al. (2006) também apontam diferenças semântico-pragmáticas: o truncamento tende a ser usado em contextos pejorativos ou afetivos, enquanto a redução vocabular não carrega essas conotações e pode ser usada por diferentes grupos sociais.

A redução vocabular é vista como uma manifestação da economia linguística, conceito discutido por Martinet (1964). Ele sugere que a evolução linguística é governada pela tensão entre as necessidades comunicativas e a tendência de minimizar o esforço mental e físico. A economia linguística atua tanto nos eixos paradigmáticos quanto sintagmáticos da língua, sendo um motor para mudanças formais e semânticas.

A composição parece ser altamente produtiva nas línguas de sinais. Pesquisadores como Klima e Bellugi (1979) e Liddell e Johnson (1986) estudaram esse processo na ASL, enquanto Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006), Rodero-Takahira (2015) e Rodero-Takahira e Scher (2020) se debruçaram sobre a Libras. Na Língua Gestual Portuguesa (LGP), Mineiro et al. (2007, apud Faria-Nascimento e Correia, 2011) afirmam que a composição de gestos é uma alternativa representativa devido ao aproveitamento do material linguístico disponível para criar novas denominações. Esse processo demonstra a capacidade da LGP de recrutar processos morfológicos econômicos, semelhante às outras línguas orais ou gestuais que possuem regras para gerar uma quantidade infinita de enunciados e gestos.

Na Libras, encontramos compostos como “medicina”, formado pelos sinais de (medico + estudar), que podemos visualizar nos dicionários de Capovilla (2019), são mostrados em Rodero-Takahira et al. (2020), Silva (2023) e Pizzio et al. (2023), classificam os compostos em Libras como sequenciais (“escola” – CASA + ESTUDA), simultâneos (bichinho de balanço - sinal classificador para ANIMAL + sinal classificador para PESSOA), e simultâneos-sequenciais

("cavalinho de balanço" - CAVALO + sinal classificador para ANIMAL + sinal classificador para PESSOA).

Frishberg (1975), em seu estudo pioneiro sobre mudanças históricas na ASL, identificou que alguns sinais compostos se tornaram sinais simples. Ela observou um movimento da iconicidade para a arbitrariedade, exemplificado ainda em Alves e Rodero-Takahira, (2020) no exemplo é o sinal de "pássaro", onde inicialmente era composto por dois gestos, mas com o tempo a segunda parte foi deletada.

A economia linguística, como descrita por Martinet (1964), se manifesta nas línguas de sinais tanto na criação lexical via compostos utilizando sinais existentes para criar novos sinais de forma econômica quanto na redução vocabular tornando o processo ainda mais econômico.

Metodologia da pesquisa

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa descritiva, fundamentada na Sociolinguística Variacionista de Labov (2008), Tarallo (2005) analisando com dados secundários. Focamos em dois grupos de jovens (18 a 29 anos) e nos gêneros masculino e feminino, realizando uma análise descritiva dos sinais do banco de dados de Silva (2023). Nesta análise, consideramos os fenômenos da redução vocabular de sinais compostos e a inovação linguística, explorando como a combinação de outros sinais pode gerar os mesmos significados, elucidando, assim, as variantes presentes na língua.

Os dados foram coletados a partir de um banco de dados produzido por Silva (2023), contendo filmagens de 12 colaboradores surdos residentes em Macapá, sendo 06 homens e 06 mulheres. A escolha desses participantes considerou a representatividade de uma faixa etária e gênero de banco de dados disponíveis e publicados com sinalizantes fluentes surdos da região norte do Brasil, especificamente de Macapá no Amapá.

Os vídeos foram analisados dentro programa *ELAN* para deixar os vídeos em trilhas e com baixa velocidade e *Quick time player* para poder dar *zoom* na tentativa de não desapressar qualquer característica visual presente nas sinalizações dos participantes da pesquisa.

2.1 Corpus

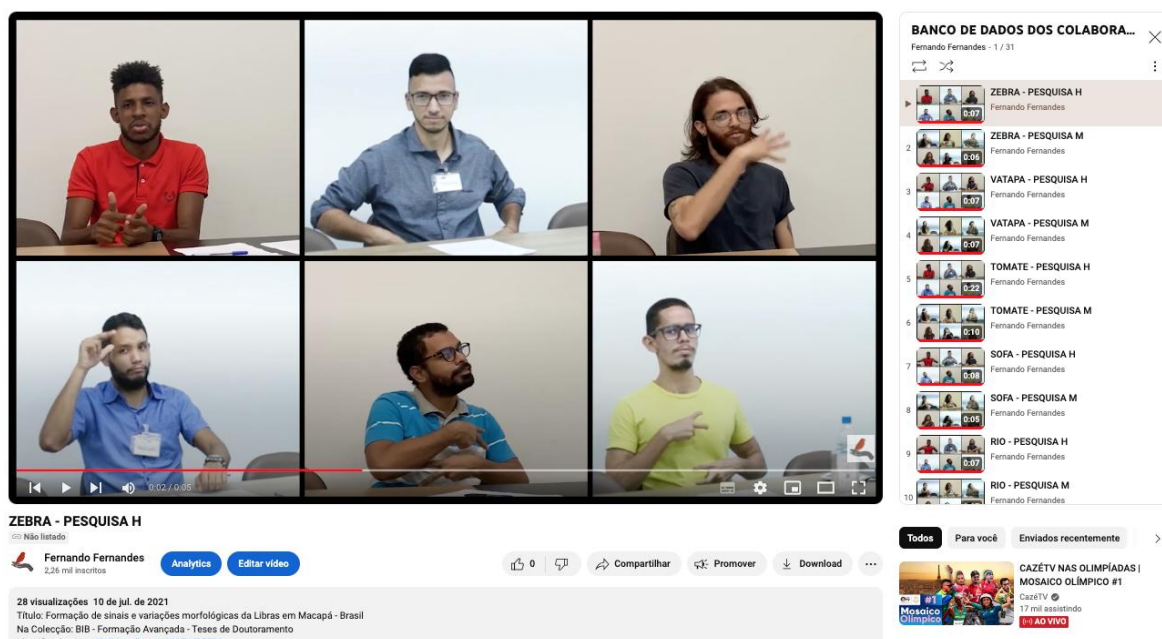
No tocante aos dados secundários, foi usado o banco produzido por Silva (2023), onde fez a apresentação de compostos morfológicos da região do Amapá, em específico Macapá, com surdos e surdas durante 2020:

"A coleta de dados foi executada entre outubro e dezembro de 2020. O pesquisador responsável pelo estudo convidou individualmente cada colaborador para participar. As sessões de coleta foram meticulosamente agendadas em dias distintos, e conduzidas em um ambiente especialmente preparado para assegurar a visibilidade ótima das expressões em língua de sinais. Além disso, foram tomadas precauções rigorosas para mitigar o risco de transmissão do SARS-CoV-2, o vírus causador da COVID-19. A sala utilizada para a coleta foi submetida a um processo de esterilização após o término de cada sessão e ficou inacessível durante um intervalo de 24 horas antes da realização da próxima coleta. (Texto exato retirado da descrição do canal (banco). Silva, 2024)"

Os dados estão organizados de duas formas: a primeira apresenta os colaboradores agrupados em quadros por gênero; a segunda permite selecionar individualmente cada colaborador e visualizar o sinal realizado por ele, também classificado por gênero.

Figura 01: Banco de dados²

²Acesso: https://www.youtube.com/watch?v=Xn6u6_goT-k&list=PLhovJL15HcXBz0-pxoienaO6_0Y6P_6L&pp=gAQBiAQB



Fonte: Banco de dados de Silva (2023).

Os vídeos foram adicionados ao *Youtube*³, mas seus *links* estão disponíveis na tese de doutorado intitulada "Formação de sinais e variações morfológicas da Libras em Macapá - Brasil" publicada na Coleção: BIB - Formação Avançada - Teses de Doutorado com o identificador (<http://hdl.handle.net/10174/35524>)

Figura 02: banco de dados e seus colaboradores homens e mulheres (18 a 29 anos)⁴

³link do canal com o playlist com o banco de dados:

https://www.youtube.com/watch?v=Xn6u6_goT-k&list=PLhovJL15HcXBz0-pxoienaO6_0Y6P_6L

⁴Acesso: https://www.youtube.com/watch?v=Xn6u6_goT-k&list=PLhovJL15HcXBz0-pxoienaO6_0Y6P_6L&pp=gAQBiAQB



Fonte: Banco de dados de Silva (2023).

Os colaboradores estão divididos em quadros separados por gênero, e os vídeos dos sinais são apresentados em cenas individuais. Essa estrutura permite uma análise detalhada dos processos fonológicos de cada sinal. O banco de dados inclui 15 sinais: Almoço, Beija flor, Bombeiro, Cebola, Delegacia, Escola, Farmácia, Jet Ski, Moto Táxi, Onça Pintada, Rio, Sofa, Tomate, Vatapá, Zebra.

Segundo Silva (2023), não foi possível estabelecer um grupo semântico que fosse predominante os compostos, pois estes estão presentes em vários grupos. Esses foram os substantivos escolhidos para comparar com sinais compostos registrados em Capovilla (2019), pois estes em suas variantes não possuem registros da região norte do país. O dicionário trilingue de Capovilla, publicado em 2019 em versão impressa, foi o mote de comparação visto que tem difusão de mercado pelo Ministério da Educação do Brasil e possuindo a maior coleta registrada das regiões brasileiras, sendo agrupadas em três volumes.

Análise de dados

Foram escolhidos 06 sinais específicos para análise: vatapá, cebola, jet ski, moto-táxi, delegacia e farmácia. Esses sinais foram selecionados devido à sua relevância cultural e frequência de uso na comunidade surda de Macapá. E por conta do volume de dados que comporta este texto, as análises foram realizadas na perspectiva fonológica e onde verificou-se modificações dos parâmetros da

Libras e cortes morfológicos que originam-se a partir do conforto, sugerindo inovações do público pesquisado.

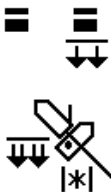
A análise envolveu a comparação dos sinais entre os grupos de homens e mulheres, identificando padrões de inovação e supressão. Utilizou-se a metodologia de análise de conteúdo para categorizar e interpretar as variações observadas.

No primeiro momento foi analisado os cortes dos sinais estudados e em qual grupo tivemos o aparecimento da redução vocabular. No quadro a seguir, pode-se verificar as informações junto aos vídeos em seus *links* de visitação.

Quadro 01: Sinais com redução vocabular

Entrada	Composto	Onde foi o corte?	Sinal com corte em SW ⁵	Gênero	Link	Qr code
cebola		Corte no 2° sinal		Mulheres	https://www.youtube.com/watch?v=guTbgh-cSFg&list=PLhovJLl15HcXBzO-pxoienaO6_oY6P6L&index=24	
delegacia		Corte no 1° sinal		Misto	https://www.youtube.com/watch?v=S5jdyMkFdO4&list=PLhovJLl15HcXBzO-pxoienaO6_oY6P6L&index=24	

⁵ Neste quadro optei pela escrita de sinais para mostrar apenas os cortes que ocorreram. Onde podemos perceber de maneira dinâmica onde aconteceu cada corte (redução).

					<u>=21</u> https://www.youtube.com/watch?v=fzUnj1aJP4E&list=PLhovJLl15HcXBzo-pxoienaO6_oY6P6L&index=22	
farmácia	 	Corte no 2° sinal		Homens	https://www.youtube.com/watch?v=5GVSWEELoEM&list=PLhovJLl15HcXBzo-pxoienaO6_oY6P6L&index=19	
mototáxi		Corte no 1° sinal		Mulheres	https://www.youtube.com/watch?v=CagPeb7SxAM&list=PLhovJLl15HcXBzo-pxoienaO6_oY6P6L&index=14	

Fonte: Produzido pelo pesquisador

Assim como qualquer língua, a Libras possui diversos processos de formação lexical por derivação e composição. A pesquisa identificou que a

redução vocabular é um desses processos, caracterizado como não-concatenativo, onde ocorre a perda de um morfema através de um corte morfológico caracterizando uma mudança linguística. A partir da revisão bibliográfica, verificamos que o fenômeno de deleção descrito por Frishberg (1975) e Diniz (2010) para a língua de sinais corresponde ao mesmo fenômeno que Vilela et al. (2006) descrevem como redução vocabular no Português Brasileiro (PB). Em ambos os casos, os exemplos analisados envolvem compostos que sofreram um corte no limite morfológico, preservando o significado original do sinal-matriz.

Além disso, o quadro de análise demonstrou que a economia linguística se manifesta tanto na redução vocabular ocorre a deleção de um morfema, simplificando a estrutura do sinal. Essas observações confirmam a eficiência da economia linguística na formação de variantes de sinais.

Seguindo a análise, serão considerados os sinais que introduziram novos compostos, caracterizando-se como inovações ao adicionar um elemento inédito ou um novo sinal à sentença, algo ainda pouco explorado na literatura científica da área. Silva (2023) descreve esses sinais, mas aqui busca-se comparar a hipótese de distinção de sinais levantada pelo autor, verificando em qual gênero ocorrem os dois fenômenos específicos: a redução vocabular (discutida anteriormente) e a inovação, utilizando como exemplos os sinais de "jetski" e "vatapá".

Para a compreensão desses processos de mudanças linguísticas, faz-se necessário considerar uma abordagem histórica, a fim de entender a motivação dos surdos e surdas ao utilizarem determinados sinais (Quadros et al., 2025). Nesse sentido, nossa análise busca comparar, no momento presente, tais constructos oriundos do banco de dados, visando descrever elementos de mudança em processo que ainda são visualizados no meio científico.

Quadro 02: Homens e seus sinais compostos variáveis

N°	Jetski	Observações
----	--------	-------------

01	 moto mão) + Barco (feito com uma	O sinal do composto moto move apenas a mão direita.
02	 barco direito) + moto (movimento de punho	Nesta o colaborador escolhe fazer outro sinal para barco e inicia com o mesmo para após realizar o sinal de morto.
03	 moto + barco	Aqui vemos a inversão do sinal de ordem 02. Com o colaborador fazendo primeiro o sinal de moto e em seguida o barco.

Fonte: Produzido pelo pesquisador

Durante a análise dos sinais, observamos uma alta produção por parte dos colaboradores na geração de sinais "novos" ou na realização de novas combinações de classificadores e sinais. Essa constatação, ao ser verificada em ambos os sexos na comunidade surda entre os jovens, reforça a ideia de que esses surdos e surdas possuem uma predisposição para a inovação e a criação de novas combinações lexicais. Em contraste, os membros mais velhos tendem a cristalizar seu vocabulário ao longo do tempo, indicando uma resistência maior a variações

linguísticas e inovações. Essa diferença sugere que a juventude surda é mais receptiva a mudanças e experimentações linguísticas, refletindo um dinamismo característico das novas gerações.

Quadro 03: Mulheres e seus sinais compostos variáveis

Nº	Jetski	Observações
01	 água moto + mar (ondas) +	Nesse composto vemos o uso de três sinais para evocar um significado .
02	 barco (com duas mãos) + moto	Aqui vemos a colaboradora fazendo um sinal feito pelo colaborador (masculino) de ordem dois.
03	 barco direito + moto (movimento de punho)	E aqui vemos a colaboradora realizando o mesmo sinal do colaborador (masculino) de ordem um.

Fonte: Produzido pelo pesquisador

As variações observadas na composição do sinal para "jetski" entre colaboradoras diferentes levantam questões sobre como a Libras pode ser modelada e reinterpretada conforme o contexto, gênero dos usuários, e

possivelmente pelo propósito comunicativo. Em línguas naturais, a variação é um fenômeno comum, e na Libras não seria diferente. A variação de gênero no uso neste caso pode estar associada a diferenças na forma de representar conceitos técnicos ou abstratos, como é o caso do "jetski".

Essa variação de sinais entre mulheres e homens na Libras pode ser analisada sob a ótica da sociolinguística e da pragmática. Enquanto a observação 01 mostra um processo mais complexo e detalhado (três sinais para compor a ideia), as observações 02 e 03 apresentam simplificações que podem ter motivações práticas, como a economia de movimentos ou uma tentativa de imitar um modelo previamente estabelecido.

Portanto, esse quadro aponta para uma discussão mais ampla sobre como o gênero pode influenciar a criação de sinais se tratando aqui especificamente compostos. Essa amostra criativa parece estar ligada à praticidade e à familiaridade com certos gestos/sinais, sugerindo que há flexibilidade e criatividade na composição de sinais, especialmente quando se trata de conceitos técnicos pouco usuais.

Sinais Finais

A pesquisa revelou como jovens surdos, representados por um grupo equilibrado de homens e mulheres, demonstram uma predisposição significativa para a criação de sinais e combinações lexicais. Essa tendência contrasta com a resistência à mudança observada entre os falantes mais velhos (que carecem de pesquisa na comunidade surda), indicando que a juventude é um agente ativo na mudança da Libras em processo.

As análises de sinais como "vatapá", "cebola", "jet ski", "moto-táxi", "delegacia" e "farmácia" permitiram a identificação de padrões de redução vocabular e inovação, evidenciando a economia linguística que ocorre por meio da exclusão de morfemas e a combinação criativa de sinais.

Além disso, o estudo reforça a importância de uma abordagem educacional que valorize a diversidade linguística da comunidade surda como ensino de L1 para surdos e L2 para ouvintes. O reconhecimento da mudança e inovações linguísticas não apenas enriquece a compreensão da Libras, mas também

contribui para um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso às realidades dos usuários da língua.

Por fim, os achados deste trabalho não apenas contribuem para a literatura de pesquisadores do campo sociolinguística, dialetologia, mudança e variações sobre a Libras, mas também estabelecem um tímido ponta pé para futuras pesquisas. O banco de dados criado é um recurso inestimável que permitirá a continuidade de estudos que podem ser comparados quantitativamente com surdos com idade avançada, levando em conta processos extralinguísticos da comunidade sinalizante, onde as especificidades regionais e as variações na Libras vem ampliando o entendimento sobre essa língua e fortalecendo a identidade da comunidade surda das terras Tucuju em Macapá, AP.

Referências

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BRIEN, David. **Dictionary of British Sign Language/English**. Londres: Faber and Faber, 1992.

CAPOVILLA, Fernando César. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos**. 3 v. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CALVET, Louis-Jean, **Sociolinguística: uma introdução crítica**; tradução Marcos Marcionilo.- São Paulo: Parábola, 2002.

DINIZ, Heloise Gripp. **A História da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais**. 2010. 144 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2010.

ELTON, Fiona; SQUELCH, Lauren. **British Sign Language: London and South East Regional Signs**. Londres: Lexisigns, 2008.

FARIA-NASCIMENTO, Silvia Patricia; CORREIA, Maria. **Um olhar sobre a Morfologia dos gestos**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

Silva, Fernando Fernandes. **Formação de sinais e variações morfológicas da Libras em Macapá - Brasil**.

(<https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/35524>). Programa de Doutoramento em Linguística da Universidade de Évora, Portugal. 2023.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavras na LIBRAS. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, 2006.

FRISHBERG, Nancy. Arbitrariness and Iconicity: Historical Change in American Sign Language. **Language**, v. 51, n. 3 (Sep., 1975), p. 696-719, 1975.

GERACI, Carlo. et al. The LIS Corpus Project: A Discussion of Socio-linguistic Variation in the Lexico. **Sign Language Studies**, v. 11, n. 4, p. 528-74, 2011.

JOHNSTON, Trevor; SCHEMBRI, Adam. **Australian Sign Language (Auslan): An Introduction to Sign Language Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KLIMA, Edward.; BELLUGI, Ursula. **The Signs of Language**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Cardoso. SP: Parábola, 2008.

LIDDELL, Scott. K.; JOHNSON, Robert. **American Sign Language compound formation processes, lexicalization, and phonological remnants**. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 4, n. 8, p. 445-513, 1986.

LUCAS, Ceil; BAYLEY, Robert; VALLI, Clayton. **Sociolinguistic Variation in American Sign Language**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2001.

MARTINET, André. **Elementos de Lingüística Geral**. Trad. J. Moraes Barbosa, Lisboa: Sá da Costa, 1964.

MCKEE, David; MCKEE, Rachel; MAJOR, George. **Numeral Variation in New Zealand Sign Language**. *Sign Language Studies*, v. 12, n. 1, p. 72-97, 2011.

MERSEYSIDE SOCIETY FOR DEAF PEOPLE. **Liverpool Sign Dictionary**. Merseyside: Merseyside Society for Deaf People, 2009.

NAPIER, Mary.; FITZGERALD, John. **British Sign Language for Dummies**. West Sussex: Wiley, 2008.

NICOLOSO, S. **Modalidades de Tradução na interpretação simultânea da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira: investigando questões de gênero (gender)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis:UFSC, 2015.

PIZZIO, A. L.; CAMPELLO, A. R. e S.; PEGO, C. F.; WANDERLEY, D. C.; LOURENÇO, G.; LUCHI, M.; FARIA-NASCIMENTO, S. P. *Morfologia da Libras*.

In: QUADROS, R. M. de; SILVA, J. B. da; ROYER, M.; SILVA, V. R. da. (Org.). **A Gramática da Libras (Vol. 01)**. Rio de Janeiro: INES, 2023.

QUADROS, Ronice Muller & Karnopp, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

QUADROS, R. M. MACHADO, R. N. SILVA J. B. **Introdução ao Estudo da Libras**.

01. Ed.. São Paulo: Contexto, 2025.

SCHEMBRI, Adam.; JOHNSTON, Trevor. Sociolinguistic Variation in the Use of Fingerspelling in Australian Sign Language. **A Pilot Study. Sign Language Studies**, v. 7, n. 3, p. 319-48, 2007.

Silva, Fernando Fernandes. CUSTÓDIO, Pedro Balaus; MARÇALO, Maria João Brôa Martins. *Sinalização Tucujú: Uma Análise Morfológica Dos Sinais Compostos Em Libras Na Região De Macapá, Amapá. Revista Contemporânea*, [S. l.], v. 4, pág. e4083, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N4-180. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/4083>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

RODERO-TAKAHIRA Aline Garcia. **Compostos na língua de sinais Brasileira**. Tese (doutorado em Linguística) – Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

_____, Aline Garcia e SHER, Ana Paula. **Classificando os compostos da Libras**. Revista Porto das Letras, Vol. 06, N° 06. 2020. Descrição e Análise Linguística da Língua Brasileira de Sinais, 2020.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa em Socio-linguística**. Ática. 7ª edição. São Paulo, 2005.

VILELA, Ana Carolina. GODOY, Luisa. CRISTÓFARO-SILVA, Thais. **Truncamento no Português Brasileiro: para uma melhor compreensão do fenômeno**. UFMG. 2006. Disponível em: <http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/truncamento-rel-2006ms.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

WATSON, Paul. **British Sign Language of Sheffield**. Sheffield: Paul BSL, 2009.